

A Gazeta
3/2/98
p. 10

Journal "A GAZETA" - 02/02/98

As hidrovias e o indigenismo

Nilder Costa

Para se entender por que estão judicialmente bargadas as implantações de três hidrovias fundamentais para a industrialização do interior da América do Sul, principalmente do Cerrado brasileiro, é necessário primeiramente compreender-se os fenômenos conhecidos internacionalmente como "indigenismo" e "ecologismo". Seus ideólogos em ser facilmente identificados como integrantes do núcleo controlador da Comunidade Britânica - sucessora do Império Britânico, formado por mais de 5 mil famílias aristocráticas que, por meio de um conglomerado de megacorporações transnacionais, controlam a maior parte da produção e comércio mundial de minérios estratégicos, gêneros e alimentos. Metade das transações financeiras do planeta é realizada na City de Londres.

Este núcleo de poder formidável, engomina o Rei George VII como "Clube das Ilhas", termo que se conhece usualmente por "oligarquia ilhéu".

Imperialista por princípio, a oligarquia e seus membros têm como inimigo histórico o Estado-nação moderno, que pretende reduzir e manter na condição de satélite. No caso específico da Ibero-América a oligarquia britânica e seus aliados vislumbram nos povos indígenas uma oportunidade imensa aplicar a máxima imperial romana de "dar para conquistar". Para tanto, lançou as ideologias para promover a autodeterminação posterior independência destes povos, ou seja, a construção do nacionalismo étnico em oposição ao Estado nacional, tendo por eixo a existencialista Teologia da Libertação, elaborada pelo filósofo alemão Martin Heidegger, que propõe igrejas autônticas (papas). O indigenismo separatista fabricado passou a contar com uma vasta sustentação, tanto em sua vertente "religiosa" na "Igreja". A primeira é coordenada pelo Conselho Mundial de Igrejas (CMI), comandado pela Igreja da Inglaterra, cujo chefe supremo é o Rei da Grã-Bretanha, e dezenas de instituições vinculadas. A Igreja Católica, apesar de negá-lo, envia representantes às suas reuniões.

A outra vertente compõe-se de centenas de organizações de direitos humanos, sendo as mais ativas a Anistia Internacional e a Human Rights Watch, contando com expressivo apoio financeiro do especulador George Soros, que patrocina a produção das drogas.

No Brasil, o aparato da Teologia da Libertação situa-se na Comissão Pastoral da Terra, vinculada à CNBB, e tem em Frei Betto e João Boff seus principais ideólogos. Foi na região onde se originou o Movimento dos Sem Terra e o Conselho Indigenista Missionário (CIMI) o principal agente e coordenador do indigenismo separatista. Foi o CIMI que, durante a Constituinte de 1987, tentou popularizar onde tentou introduzir na nova Constituição brasileira o conceito de plurinacionalidade

para os indígenas e o de soberania restrita para suas reservas, inclusive do subsolo. Apesar de ter sido veementemente rechaçada, esta proposta e posterior lobby do CIMI junto aos constituintes deixaram alguns resquícios que formam a base constitucional dos atuais embargos judiciais para a implantação das hidrovias Paraguai-Paraná, Araguaia-Tocantins e Teles Pires-Tapajós.

O caso da Araguaia-Tocantins é exemplar. A ação inicial foi impetrada pelo Instituto Socioambiental (ISA), estreitamente vinculado ao CIMI e também à International Rivers Network, ONG coordenadora da campanha ambientalista contra a Hidrovia Paraguai-Paraná, para o que recebeu vultosas somas da W. Alton Jones Foundation, fundação norte-americana nominalmente filantrópica. O ISA foi fundado pela nata dos operativos do aparato ambientalista internacional (que é coordenado pelo WWP do príncipe Philip, executivo-chefe do "Clube das Ilhas"), dentre os quais Barbara Bramble (diretora de Projetos Internacionais da National Wildlife Federation, uma das maiores ONGs norte-americanas), Stephan Schwartzman (do Environmental Defense Fund, EDF; elo de ligação entre o Canadian International Development Agency, do governo Canadense, e o Cedi, antecessor do ISA. Atualmente, Schwartzman alimenta a mídia internacional com relatórios alarmistas sobre queimadas na Amazônia), Tony Cross (agente no Brasil da Oxfam, importante ONG britânica), dr. Jason Clay (diretor da Cultural Survival, que congrega antropólogos para defender e divulgar o indigenismo separatista; declarou que no Brasil existiriam outras 190 nações, referindo-se aos indígenas) e Willem Pieter Groeneweld (holandês, organizou os seringueiros de Rondônia em nome do capítulo canadense da Cultural Survival; recebeu ajuda financeira da Canadian International Development Agency - Cida - e foi seu agente no Acre. Em 1987, foi consultor da embaixada do Canadá no Brasil para ajudar os canadenses a encontrar ONGs brasileiras que pudessem receber auxílio financeiro da Cida. Foi, além disto, consultor da mineradora canadense Bracopan).

Mas não para por aí. A Usaid (Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional, do governo norte-americano) destinou ao Brasil US\$ 5 milhões em seu orçamento de 1997 e US\$ 4,75 milhões no orçamento de 1998, para o desenvolvimento de atividades "ambientalmente sustentáveis" e defesa dos direitos indígenas. Entre seus objetivos, são citados textualmente a orientação e apoio técnico às ONGs locais, "que estão crescendo e assumindo papel de liderança em nível estadual e federal". Como demonstração do acerto de sua política, menciona que "um treinando da Usaid, dirigente do Instituto Socioambiental, é agora presidente da Fundação Nacional do Índio". Refere-se a Márcio Similli, do ISA, e que efetivamente foi presidente da Funai. Entre as metas esta-

A Gazeta
2/2/98
291
cont.

"A GAZETA" - 02/02/98

A GAZETA □ Culabá, Se:

beleceadas pela Usaid para o Brasil, está a quantidade de "profissionais treinados em meio ambiente", escalando de zero em 1991 para 1.500 em 1999. Esta ajuda financeira está longe de ter um caráter meramente filantrópico e a própria Agência afirma que "... a assistência da Usaid assegura que matérias de interesse nacional dos Estados Unidos e global são colocadas de maneira colaborativa".

Na atualidade, o mais notório sucesso do indigenismo separatista é o dos zapatistas (Exército Zapatista de Libertação Nacional — EZLN), uma insurgência fabricada, que pretende separar o Estado mexicano de Chiapas, aliás a segunda maior reserva de petróleo do país. O EZLN é o paradigma de uma nova estrutura do narcoterrorismo internacional: um pequeno grupo de terroristas cuja principal base de poder reside nas ONGs, nacionais e internacionais, que se mobilizam para defendê-lo. Em fevereiro de 1994, o subcomandante 'Marcos' divulgou uma carta aberta às ONGs onde dizia: "Sabemos que as chamadas ONGs converteram-se em parte fundamental do movimento por uma paz digna... O fato de que tenhamos decidido confiar nossas vidas e liberdade às ONGs é porque nelas temos visto o futuro a que aspiramos, um futuro que tornem desnecessários não somente as guerras, como também os exércitos". O comandante dos zapatistas é o bispo Samuel Ruiz (daí o posto de subcomandante para Rafael Guillen, 'Marcos'), adepto confesso da Teologia da Libertação. Não por acaso, as áreas de operações e refúgio dos zapatistas localizam-se nos parques nacionais de Lagunas de Montebello e a Reserva Ecológica El Ocote. Entre as ONGs que dão apoio logístico e propagandístico ao EZLN estão a Anistia Internacional, o WWF, o Greenpeace, a Human Rights Watch, a Oxfam, a Pax Christi, a Misereor, etc. Incidentalmente, são as mesmas que apoiam o indigenismo no Brasil, algumas, inclusive, financeiramente.

Desconhecemos se os juizes que expediram as liminares embargando as citadas hidrovias tinham ou não conhecimento destes fatos aqui resumidamente descritos. Independentemente disto, observa-se por parte das autoridades dos outros dois Poderes uma certa inércia não verificada, por exemplo, por ocasião da privatização da Vale do Rio Doce, quando um exército de advogados providenciava a cassação imediata de liminares expedidas para sustar o respectivo leilão. Em ano de eleições, seria prudente que os políticos dos Estados envolvidos tivessem explicações convincentes ao eleitorado sobre por que obras tão importantes, integrando inclusive o plano "Ação Brasil", podem permanecer paralisadas com tanta facilidade.

* Nelder Costa, engenheiro, editor no Brasil do EIR Alerta Científico e Ambiental e atual presidente do Movimento de Solidariedade Ibero-americano.